

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

REFLEXÕES INICIAIS DA OBRA DE PIAGET SOBRE A TRANSIÇÃO DO ESPAÇO PERCEPTIVO PARA O ESPAÇO REPRESENTATIVO NA CRIANÇA¹
INITIAL REFLECTIONS ON THE TRANSITION OF THE PERCEPTIVE SPACE TO THE REPRESENTATIVE SPACE IN THE CHILD

Tayla Larissa Tozo², Gabrieli Dallabrida³, Gabriela Garcia Do Nascimento⁴, Solange Castro Schorn⁵

¹ Estudo elaborado no componente curricular de Psicologia Genética II, no 5º semestre de Psicologia da UNIJUI.

² Acadêmica do Curso de Psicologia da Unijuí. E-mail: tozo.larissa@gmail.com

³ Acadêmica do Curso de Psicologia da Unijuí. E-mail: gabrieli_dallabrida@hotmail.com

⁴ Acadêmica do Curso de Psicologia da Unijuí. E-mail: garcia.gabrielanascimento@gmail.com

⁵ Docente do Curso de Psicologia da Unijuí. Doutora em Educação nas Ciências. E-mail: solange.schorn@unijuí.edu.br

Resumo

O presente texto consiste em um estudo bibliográfico da obra de Piaget, "A Representação do Espaço na Criança", e resulta da apresentação de um seminário desenvolvido na disciplina de Psicologia Genética II, na turma do 5º semestre de Psicologia da Unijuí. São abordados, na perspectiva piagetiana, conceitos fundamentais para o entendimento sobre o modo pelo qual a criança distingue o mundo exterior de um mundo subjetivo. Tem por finalidade, então, expor a partir de Jean Piaget a representação do espaço na criança e as principais características das relações que compõem esse processo.

Palavras-chave: representação; noção de espaço; Piaget.

Keywords: representation; notion of space; Piaget.

INTRODUÇÃO

A noção de espaço se constrói a partir da interação entre a criança e o meio, durante o qual o sujeito se organiza e se adapta em relação ao objeto. A primeira representação de espaço é sensorio-motora e está ligada à percepção e à motricidade. Com o aparecimento da imagem e do pensamento simbólico essa noção passa a ser representativa. A representação do espaço acontece por meio de relações espaciais que estão presentes desde o plano perceptivo ao representativo. Diante disso, o trabalho segue com a finalidade de compreender, a partir dos estudos de Jean Piaget (1993), como ocorre a passagem do espaço perceptivo para o espaço representativo na criança. A construção da noção de espaço é de extrema importância, pois a partir dela o sujeito obtém a capacidade de tomar consciência de suas ações e refletir sobre elas.

METODOLOGIA

Consiste em um estudo bibliográfico da obra de Jean Piaget (1993), "A Representação do Espaço

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

na Criança”, sugerido na disciplina de Psicologia Genética II para a turma do 5º semestre de Psicologia da Unijuí. Em um seminário realizado em sala de aula desenvolveu-se a apresentação do entendimento dessa obra. A explanação e discussão do tema alargaram o interesse das autoras dando origem à escrita deste texto.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nas primeiras reflexões sobre a obra estudada, obtivemos a compreensão de que o espaço representativo se dá por meio de diferentes etapas especificadas por Piaget (1993). A criança inicia sua existência em um espaço perceptivo, utilizando seus primeiros movimentos para entrar em contato com o ambiente e os objetos que a cercam. A partir desse contato amplia seu campo de percepção em relação aos objetos e o meio que a circunda, pois à medida que se desenvolve passa a ver e interagir com o mundo de formas diferentes, passando a representá-lo. Piaget (1993) distingue três principais tipos de relações presentes tanto no campo perceptivo quanto no campo representativo.

1. Relações topológicas: trata das relações espaciais mais elementares adquiridas pela percepção da criança: vizinhança, separação, ordem, circunscrição e continuidade.
2. Relações projetivas: permitem a coordenação dos objetos entre si, bem como, a noção de grandeza e de formas aparentes. Algumas das provas aplicadas foram sobre a reta projetiva, a projeção de sombras e a coordenação de perspectivas.
3. Relações euclidianas: baseiam-se, principalmente, na noção de distância e permitem situar os objetos diferenciando-os entre si.

ESPAÇO PERCEPTIVO E REPRESENTATIVO

Vimos, então, que desde o início constrói-se um espaço sensório-motor ligado à percepção e à motricidade. Esse espaço é conhecido, também, como perceptivo servindo como base para a construção representativa do espaço. Piaget (1993) divide o desenvolvimento sensório-motor em três períodos nos quais a percepção do espaço se dá de forma progressiva. O primeiro período compreende os reflexos e a aquisição dos primeiros hábitos, sendo que não há coordenação dos diversos espaços sensoriais entre si, por falta de coordenação entre a visão e a apreensão; o espaço visual e o espaço tátil-cinestésico não estão, ainda, ligados em uma totalidade única, bem como não há permanência de objeto sólido nesse período.

O segundo período abrange as relações circulares secundárias e as primeiras condutas inteligentes. É característica desse período a coordenação da visão e da apreensão que resulta na construção de numerosos esquemas de manipulação com controle visual e da coordenação das ações entre si, fazendo com que haja uma transformação do espaço perceptivo. A manipulação dos objetos permite a análise das figuras ou das formas e a coordenação das ações que, por sua vez, proporciona a elaboração da permanência do objeto, construindo, simultaneamente, as figuras euclidianas e projetivas. A aquisição mais importante do período é a das constâncias perceptivas das formas e grandezas. No terceiro período ocorre o início da experimentação (relações circulares terciárias) e as primeiras relações interiorizadas (compreensão rápida das novas situações). Ocorre a aquisição de uma função simbólica que torna possível a aquisição da linguagem. Diante

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

disso, de puramente perceptível, o espaço se torna em parte, representativo.

A percepção é o conhecimento dos objetos, resultante de um contato direto com eles e que consiste em um sistema de relações organizadas numa totalidade imediata. O equilíbrio dessa totalidade depende, além das relações reais, também, das virtuais (percepções anteriores), as quais necessitam da motricidade que comanda a passagem de uma percepção a outra. Piaget (1993) relata o seguinte exemplo: um bebê de 8 a 10 meses observa parte de um brinquedo emergir de uma coberta e tenderá a levantá-la para ver o objeto inteiro. O movimento realizado, ampliará seu campo de percepção, transformando o primeiro campo perceptivo em um segundo, o qual é determinado pelo desequilíbrio gerado pela necessidade do sujeito. Ao fazer o movimento de levantar a coberta que lhe permitiu enxergar o objeto inteiro, o bebê adquire um equilíbrio novamente. Essa situação relata uma ação adaptativa que busca, através da assimilação e da acomodação, o reequilíbrio e a interiorização de ideias novas. Visto que a percepção estereognóstica consiste em identificar ou reconhecer a forma e o contorno dos objetos através do tato, Piaget (1993) retrata outro exemplo, no qual apresenta às crianças de 2 a 7 anos um determinado número de objetos familiares e geométricos sem que ela possa vê-los, somente tocá-los, afim de que os nomeie, desenhe ou represente. As crianças do estágio I (2 a 4 anos) reconhecem somente os objetos familiares (balas, pentes, tesouras), pois seus movimentos de exploração estão ausentes devido a uma carência da atividade perceptiva, a qual é passiva e estática, ao invés de integrar-se num sistema de coordenação sensorio motriz que liga uma percepção a outra. Mais tarde, nesse mesmo estágio, há o reconhecimento das formas topológicas.

As crianças do estágio II (4 a 6 anos) reconhecem, progressivamente, as formas euclidianas, devido a um aprimoramento das atividades perceptivas, pois elas procuram explorar mais os objetos, porém essa exploração se dá, ainda, de modo incompleto. Há nesse estágio um domínio das relações topológicas e o início da diferenciação das formas retilíneas e curvilíneas (euclidianas), constituída pela análise do ângulo. Para compreender o ângulo, é preciso que a criança reconstitua a figura e, essa reconstituição, supõe precisamente uma abstração a partir da ação e não mais unicamente do objeto.

O estágio III é das Coordenações Operatórias, onde estão as crianças de 6 e 7 anos que, além de reconhecer todos os objetos, adquirem uma coordenação reversível que se apresenta de uma forma muito simples e consiste em um retorno sistemático ao ponto de partida, a fim de agrupar todos os elementos de uma figura em torno de um ou muitos pontos estáveis de referência. A coordenação reversível diz respeito à forma de equilíbrio atingida pelos movimentos de exploração e acomodação imitativa, em que cada elemento explorado é, ao mesmo tempo, distinguido dos outros e reunido a eles em um todo coerente. Nesse estágio a criança continua explorando as formas por meio da atividade perceptiva, porém agora está dirigida por um método operatório.

Percebe-se, então, que a construção do espaço tem seu início no plano perceptivo e segue no representativo. A representação consiste em evocar objetos em sua ausência, prolongando a percepção e introduzindo um elemento novo que lhe é irredutível: um sistema de significações que comporta uma diferenciação entre o significante e o significado. Dessa forma, observa-se que a passagem da percepção à representação apoia-se na imagem e no pensamento, ou seja, na diferenciação da linguagem corrente e gestos imitativos e da representação espacial. O espaço gráfico é uma das formas do espaço representativo, sendo que o desenho é uma representação,

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

isto é, supõe a construção de uma imagem distinta da percepção. Tratando-se do desenho espontâneo, o mesmo é construído em três grandes estádios que ultrapassam o nível da garatuja e constituem o desenho infantil espontâneo.

Em outro exemplo, citado por Piaget (1993), um menino desenha um homem sob a forma de uma grande cabeça na qual acrescentou duas linhas para os braços, duas outras linhas para as pernas e um pequeno tronco sem relação com os membros. A cabeça contém dois olhos, um nariz e uma boca, mas esta está acima daquele. Significa um desenho típico da incapacidade sintética. Percebe-se, nesse desenho, relações de vizinhança e separação organizadas, porém a relação de ordem não está bem definida, pois há uma falta de coordenação percebida na inversão das relações superior/inferior (boca acima do nariz e olhos invertidos) o que traduz, precisamente, a incapacidade sintética do desenho, que é o primeiro estádio do desenho infantil.

O segundo estádio é o Realismo Intelectual e consiste em desenhar não o que o sujeito vê do objeto, mas tudo o que está ali. As relações topológicas são respeitadas em todas as situações e as euclidianas e projetivas apenas começam onde há a aparição de retas, ângulos, círculos, quadrados, etc., porém, ainda, sem medidas e proporções precisas. No terceiro, denominado Realismo Visual, aparece, então, uma forma de desenho preocupado simultaneamente com perspectivas, proporções e medidas. Isso revela que as relações projetivas não precedem das relações euclidianas nem o inverso, mas que os dois sistemas são construídos, solidariamente, apoiando-se um no outro.

O realismo visual, também mostra as diferenças da natureza entre as relações projetivas e euclidianas em oposição às relações topológicas. As projetivas determinam e conservam as posições reais das figuras, umas em relação às outras e as euclidianas determinam e conservam suas distâncias recíprocas (coordenadas). Ao contrário, as topográficas, são progressivas e permanecem ligadas à figura como um todo, sem relação com as outras.

CONCLUSÃO

Partindo da ideia de que a construção do espaço é importante para a constituição da criança e, conseqüentemente, para o desenvolvimento de sua inteligência, depreende-se que tal construção é fundamental, pois lhe permite passar da percepção do mundo para a representação do mesmo, podendo, assim, a criança situar-se no ambiente em que vive, na medida em que toma consciência das ações que realiza, visto que adquire a capacidade de reflexão que lhe permite construir seu próprio saber.

REFERÊNCIA

PIAGET, Jean; INHELDER, B. A representação do espaço na criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.